

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RITA DE CÁSSIA SENA DA SILVA E SOUSA

VIDA, TRABALHO: REFLEXÕES DE NOSSOS COTIDIANOS.

CAMPINAS

2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RITA DE CÁSSIA SENA DA SILVA E SOUSA

VIDA, TRABALHO: REFLEXÕES DE NOSSOS COTIDIANOS.

Memorial apresentado para o trabalho de conclusão, como requisito a obtenção do título de pós-graduação Latu Sensu em A Pesquisa e a Tecnologia no Corpo Docente da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

CAMPINAS

2009

UNIDADE: FE

Nº CHAMADA
TCC/Unicamp
So89

V: EX:

Tombo: 4826

PROC.: 134130

C: D: X

PREÇO: 11,00

DATA: 05/05/10

CÓD TÍTULO: 477129

© by Rita de Cássia Sena da Silva e Sousa, 2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Sousa, Rita de Cássia Sena da Silva e
So89 Vida, trabalho: reflexões de nossos cotidianos / Rita de Cássia Sena da
Silva e Sousa. – Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. História de vida. 2. Formação docente. 3. Autobiografia. I. Prado,
Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

09-401-BFE

Dedico este trabalho ao meu pai Luiz Caetano da Silva, que mesmo de longe não deixou que eu desanimasse, a minha mãe Neide Sena da Silva (in memorium), que sempre foi uma guerreira, as minhas filhas Sarah Helena e Ana Beatriz, que muitas vezes usurpadas de minha presença, mas não do meu amor, aos meus netos Yasmin e Gabriel e ao meu genro Celso Junior, ao meu marido José Antonio que acreditou e me apoiou nos momentos difíceis, e em especial ao meu irmão e amigo Marcus Venícius, que me ajudou desde o início do trabalho, o apoio dele foi fundamental para a elaboração deste trabalho de conclusão.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças para passar este semestre, pois foi o mais difícil desde que entrei neste curso, porque me ensinou o valor da vida, me revitalizando em todos os momentos difíceis.

Aos meus colegas de classe, pelo convívio fraternal e familiar

Ao meu Professor Orientador Guilherme do Val Toledo Prado, pelo suporte e pelo tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivo

As minhas professoras Maria Thereza Alexandre, Ângela Soligo, Afira Ripper pela paciência e dedicação incondicional.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
VIDA, TRABALHO: REFLEXÕES DE NOSSOS COTIDIANOS.	2
Minha Infância	2
Minha carreira profissional	3
Eu na Prefeitura de Campinas	5
PROJETO DÓ-RÉ-MI	8
FUSÃO AO PROJETO BALLET POPULAR	11
Eu na Unicamp	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS.....	25

APRESENTAÇÃO

Este trabalho abordará os seguintes assuntos: minha infância e carreira profissional, Eu na Prefeitura de Campinas, projetos Dó-ré-mi e Ballet Popular, com seus espetáculos e apresentações, projeto Filosofia na Escola com a produção de textos intitulados: Uma escola para vida e Escutai o clamor deste povo; Eu na Unicamp: com o projeto Conhecendo a Vila Rica: bairro e a escola.

Na primeira parte do trabalho trato de minha infância em Recife e de minha carreira profissional como professora de magistério, em escola particular, conto como esta primeira influenciou a segunda e como a relação com meus pais co-existiu, co-perpetuou durante meu trabalho em relação aos valores e atitudes étnicas.

Na segunda parte do trabalho desenvolvo sobre meu ingresso na Prefeitura Municipal Campinas e falo dos projetos realizados antes de minha formação como pedagoga. Relato sobre os projetos, suas apresentações, desdobramentos e fusão com outro projeto. Narro sobre os espetáculos: “Nordeste, por que tu choras?!”, “Escutai o clamor deste povo” e “Brasil dos meus amores”. Nos percursos dos mesmos houve várias aprendizagens, experiências e regates de minha infância.

Num terceiro momento falo de minhas intervenções pedagógicas junto ao projeto Filosofia na Escola no qual foi realizada a produção de dois livros pelos alunos da escola: Uma escola para a vida e Escutai o clamor deste povo.

Na quarta parte do trabalho abordo meu ingresso no curso: Pesquisa e Tecnologia no Corpo Docente, no qual desenvolvi vários trabalhos, entre eles, o que eu considero de maior relevância o projeto: Conhecendo a Vila Rica: bairro e escola.

No final do trabalho faço algumas considerações finais nas quais reflito sobre todo o trabalho profissional e tento fazer relações com minha atuação pedagógica e como eu me transformei nesta professora que vos escreve.

VIDA, TRABALHO: REFLEXÕES DE NOSSOS COTIDIANOS.

Minha Infância

Nasci na cidade de Recife em Pernambuco e tive uma infância com sete irmãos e sete sobrinhos. Minha casa era sempre cheia de crianças e por esse motivo as condições financeiras eram poucas para tanta gente. Nossos brinquedos eram sempre improvisados. Brincávamos com manga verde e palito onde se fazia a figura de um animal ou então com mamão verde e palitos de fósforos queimados. Assim que fiz meus seis anos, minha família se mudou para cidade de Jaboatão, hoje **Jaboatão dos Guararapes**, onde iniciei o meu estudo no Ensino Fundamental.

Lembro-me que quando estava na primeira série do primário, encontrei na lama, no fundo de minha escola, uma boneca enterrada, toda suja. Levei-a para casa pintei seu corpo todo com um spray de tinta prata. Quando ela estava toda bonitinha minha mãe descobriu e fez com que eu devolvesse a professora, pois não me pertencia. Por mais que a professora afirmasse que poderia ficar com ela, minha mãe não deixou e isso marcou muito em minha vida, pois chorei muito. Chorei porque já tinha me apegado aquele brinquedo que pra mim era tão caro. Eu não tinha idéia que não poderia pegar um brinquedo que mesmo achado, não me pertencia.

Minha primeira experiência na alfabetização foi decorar a cartilha ABC do poeta e pedagogo João de Deus que teve sua 1ª publicação 1876. Foi uma das obras mais reimpressas em Portugal. Havia uma edição reformulada no Brasil, onde o nordeste brasileiro adotava e na época era muito popular, do mesmo jeito que no sudeste do Brasil era a "**Caminho Suave**" ou a Cartilha Sodré. Naquela época, era tão comum decorar cartilha que não me lembro disto ter me afetado psicologicamente e nem mesmo na minha aprendizagem.

Meu pai era quem mais acompanhava minhas lições, aliás, minha e de todos meus irmãos. Ele era maestro conhecido no mundo musical, onde atuava como diretor de rádio e professor da Universidade Federal de Pernambuco trabalhou também como *fagotista* (Fagote: instrumento musical de sopro, comumente tocado em orquestras sinfônicas) e maestro da Orquestra Sinfônica de Recife. Além das lições da escola, meu pai muito sábio nos

proporcionava aulas de teoria e solfejo musical, o que mais tarde influenciou na minha carreira.

Minha carreira profissional

Minha profissão como professora veio mesmo como imposição de minha mãe, porque minhas primas por parte de mãe e mesmo de minha avó (mãe do meu pai), eram professoras conceituadas na cidade em que morávamos e eu não poderia ser diferente.

Por não aceitar ser professora e buscar outra profissão na área de advocacia, quis fazer o científico, mas para conseguir isso tive que fazer um acordo com minha mãe que na época não aceitava outra profissão que não fosse professora; pela manhã fazia o científico e a tarde o magistério, assim eu ficava feliz e minha mãe também. Depois ela mesma tratou de conseguir um emprego para mim, (professora é claro) na cidade de João Pessoa, que apesar de ser capital de outro estado, fica mais ou menos à uma hora de Recife e foi aí que eu comecei a tomar gosto pela profissão. Por conta deste emprego fui morar sozinha.

Enquanto dava aulas em escola particular, no Colégio Pio XII em João Pessoa, durante quatro anos, o ensino para mim era muito mais prático. Os alunos vinham de uma classe social elevada. A escola contava com quadra de esporte coberta, parque para recreação, recursos áudios-visuais, didáticos. O máximo de alunos por sala eram 20 alunos e ainda contava com a presença de uma professora auxiliar, que me ajudava em sala e a linha pedagógica era o ensino tradicional que deveria ser seguido. Minhas aulas eram seguidas pelo livro didático, onde líamos os textos oralmente, todos juntos e depois silenciosamente e a seguir oralmente mais uma vez, mas individualmente.

Percebi que este trabalho não respeitava os alunos no que refere à construção do conhecimento, uma vez que seu eixo norteador era única e exclusivamente a memorização, respostas vazias para perguntas das quais nós já tínhamos respostas. Depois de todas essas leituras, fazíamos as interpretações dos textos que já estavam prontas nos livros didáticos e os alunos procuravam as respostas sozinhos. Quando estava tudo respondido era que se fazia a correção com respostas na lousa. Neste sentido, não se

respeitava o tempo do aluno. Para os mais rápidos restavam-lhe esperar pelos medianos e para os mais lentos não se dava a oportunidades de aprender. Acredito que esta escola não fazia sentido nem para os que aprendiam, nem para os que deixavam de aprender. Livros e textos que não diziam nada para as crianças e que não permitiam as crianças dizer algo para eles, ou seja, não existia um diálogo e talvez aí residisse à falta de interesse pela escola. Todas as aulas eram feitas do mesmo jeito e isto era o que a escola particular da época exigia que o professor fizesse.

Para mim isto era subestimar a inteligência do aluno, era não acreditar na capacidade e no seu potencial. Eu estava começando a minha carreira, tinha medo de perder o emprego, o que eu tinha a fazer era o que era mandado. Passei quatro anos de minha vida, nesta angústia, sem saber que rumo tomar, nem sei se existia rumo. Era um vazio muito grande, algo que me torturava e me fazia sofrer, principalmente, em relação àqueles que eram excluídos.

Minha primeira graduação foi Bacharelado em Filosofia, na Universidade Federal da Paraíba, onde me encantava em questionar a vida e dar respostas próprias, no ano de 1985, época que foi marcada pela morte do primeiro Presidente da República eleito pelo Colégio Eleitoral, Tancredo Neves. Esse presidente representava o partido da oposição. Foi um período de grande agitação política a favor do movimento “Direta Já”, ação esta, que mobilizou os jovens e pregava as eleições diretas para presidente.

Enquanto eu me encontrava num movimento participativo e ativo de cidadania, via meus alunos como alguém alheio a seu próprio destino que era traçado por outrem. Difícil entrar numa sala de aula onde a escola tinha posturas e fazeres muito diferentes daquilo que eu pensava enquanto professora.

Na faculdade de Filosofia, todas as aulas me emocionavam, pois faziam refletir sobre a existência humana nas suas diversas áreas: psicologia, história social, econômica e antropológica. Mas, o que mais me marcou eram as aulas de “Teoria Geral dos Valores” com o profº Waldo Lima do Vale, que falava sem parar sobre o amor, a ética, a moral e outros.

Gostaria muito que nas minhas aulas os alunos pudessem sentir a emoção de descobrir o conhecimento, de encontrar seu próprio caminho e refletir sobre as coisas em seu entorno.

Assim que me formei em 1985, minha angústia em dar aulas sob pressão me incomodava muito. Foi aí que vim para Campinas para visitar familiares, onde conheci professores da rede pública que através de conversas informais, me fizeram entender que eu poderia descobrir novas possibilidades profissionais e mudar essa forma intransigente de dar aulas. Voltei a João Pessoa, pedi minha demissão e resolvi morar em Campinas. Enquanto esperava a oportunidade, trabalhei em agências publicitárias dando assessoria no Departamento de Publicidade.

Em 1990 surgiu a oportunidade de prestar um concurso na Prefeitura Municipal de Campinas, no qual fui aprovada e me efetivei. Tornei-me funcionária pública da Prefeitura Municipal de Campinas.

Eu na Prefeitura de Campinas

Assumi numa escola de periferia: “EMEF Virgínia Mendes de Vasconcelos” no bairro Maria Rosa em 1993, onde a realidade que eu estava acostumada era outra, os alunos, a vivência e a maneira de pensar, agir e até mesmo de dar aulas teve que ser mudada. As salas tinham de trinta e cinco a quarenta alunos, não podia contar com nenhum recurso pedagógico da escola, tinha que usar a criatividade como; confeccionar material dourado com cartolina, usar tampinhas de garrafas e palito de picolé para efetuar as quatro operações.

As condições de vida, tanto social como cultural, eram mais precárias. Havia alunos que não tinham nem um lápis para escrever e mesmo com o salário pequeno eu tinha que dividir, comprando cadernos, lápis e borrachas para poder começar uma aula tendo o mínimo de recursos.

Nesse início de minha carreira como professora efetiva no serviço público, fiz alguns cursos de capacitação profissional, principalmente cursos que abordavam a alfabetização, já que minha efetivação foi numa sala de 1ª série. Aprendi muito, pois eu não tinha muita experiência com sala de 1ª série. Minha diretora Maria Olívia Lório na escola contribuiu muito para que eu tivesse

pelo menos uma direção a tomar nas aulas com alfabetização. Ela tinha criado um método onde os alunos construíam uma história oralmente e a professora ia escrevendo na lousa. Depois de construída era confeccionado um painel e a história ia sendo contada colando os personagens neste painel que já tinha até um fundo, que era o tema da história construída. E durante o semestre todo eram trabalhadas as palavras do texto produzido coletivamente.

Através destas palavras se construíam frases até formar um livro. Isto é uma lembrança que carrego sempre comigo. Maria Olívia era muito comprometida com a educação e com idéias pedagógicas que visavam atender os alunos em fase de alfabetização. Com sua assessoria eu me sentia aliviada e acredito que esses alunos não foram prejudicados por eu nunca ter trabalhado com essa faixa etária.

A formação em serviço, como Trabalho Docente Coletivo, até hoje não contribuiu muito com minha formação, pois os textos lidos nunca davam tempo para serem analisados e não tinham uma continuidade nas semanas seguintes. A leitura, sempre foi por conta própria e sua análise também.

Entendo que a formação continuada na escola deveria basear-se, em primeiro no próprio trabalho de cada professor, na vida escolar dos alunos, de modo que pudéssemos discutir e fundamentar nossa atuação pedagógica. Sendo assim, creio que podíamos solucionar muitos dos problemas e criar nosso(s) próprio(s) método(s) o que representaria uma forma de lidar melhor com os interesses de nossos alunos e assim, a melhoria da qualidade de ensino. Neste período foi muito gratificante o trabalho somado e dividido com minha diretora.

Depois de dois anos senti necessidade de me remover para perto de minha casa, pois estava grávida de minha filha mais nova e não tinha condições de estar pegando ônibus para ir trabalhar. Fui trabalhar na Vila Rica, onde estou até hoje, nestes últimos 15 anos. Atribuíram-me uma classe de 4ª série com alunos ditos “problemas”, alunos que não aprendiam de modo convencional, indisciplinados, um aluno com necessidades especiais. Minha sala tinha trinta alunos com uma faixa etária de doze a dezoito anos. Tive que começar tudo de novo. Fazer um trabalho diferente e entender porque aqueles alunos ainda estavam cursando esta série. A primeira providência foi

conquistar a confiança deles, lutando para tirar o rótulo de “atrasados” que já havia dado pelos próprios pais, professores e comunidade escolar.

Segundo Paulo Freire:

“o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas” (1999:96)

Minhas aulas eram praticamente particulares, ouvia um por um, para saber suas dificuldades, suas angústias e tentar atender as necessidades de cada um. Aos poucos passei a enxergar cada aluno com suas peculiaridades e individualidades o que demandavam um trabalho. Comecei a usar a linguagem dos alunos, o cotidiano e as histórias de vida de cada um. Participando da vida deles, fui respeitando mais a individualidade, os seus limites e o tempo de cada um. Já que a escola tinha os tratados de forma homogênea e não tinha encontrado bons resultados, percebi a necessidade de usar um processo educativo que tivesse como eixo norteador a diversidade, o respeito às diferenças. Meninos e meninas, negros e brancos, pobres e remediados. Trabalhei jogos de estratégias, quebra-cabeças raciocínio lógico, além de virar confidente dos alunos.

“... é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade” Abreu&Maseto (1990:115)

Trabalhando com essa realidade senti necessidade de fazer o Curso de Pedagogia na Faculdade de Ouro Fino - MG em 1998. Era uma faculdade noturna e em outra cidade, tinha que viajar todos os dias saindo de Campinas às dezessete horas e só retornando às duas horas da madrugada. Apesar de ficar muito cansada, pois tinha que acordar às seis horas para começar minha jornada na escola onde eu lecionava. As aulas na faculdade eram muito produtivas, pois exigia muito da nossa prática, se tratando em elaborar planos e projetos pedagógicos.

O que mais me marcou foi à troca de experiências que tínhamos com as colegas, na resolução de problemas de alunos com dificuldades. Esse momento foi muito valioso para minha profissão, pois tive a oportunidade de

ampliar meus conhecimentos e conseqüentemente melhorar minhas aulas. Percebi que aquele vazio do Trabalho Docente Coletivo foi preenchido por estas conversas. Percebia o quanto à escola está estanque, ou seja, descontextualizada, da realidade da vida dos professores e principalmente dos alunos a quem ela deveria proteger e criar caminhos para a construção de seus conhecimentos.

PROJETO DÓ-RÉ-MI

Em 1996 a escola pública me deu a oportunidade de desenvolver um projeto com música, aceitei porque por influencia e ensinamento proporcionado pelo meu pai, na minha infância e adolescência, consegui obter conhecimento na área de música e desenvolvi o projeto Dó-Ré-Mi. Percebi o quanto valioso eram aquelas aulas de teoria e solfejo musical, era no espaço de meu tempo livre que meu pai me ensinava.

Tratava-se de um projeto de flauta-doce, onde os alunos tinham noções de teoria e solfejo musical e aulas práticas de flauta-doce. Acreditei que essas aulas dariam atividades as crianças no período fora da escola. Crianças essas que ficavam nas ruas, enquanto seus pais trabalhavam, brincando ou mesmas sujeitas ao tráfico de drogas que existia no bairro.

As aulas de músicas proporcionavam àquelas crianças, não apenas o conhecimento musical, mas principalmente as relações que poderiam estabelecer com os outros conhecimentos da escola como os matemáticos e a leitura e a escrita, bem como o próprio conhecimento da cultura brasileira, uma vez que as músicas faziam parte da cultura popular.

No início, nosso repertório musical eram cantigas de roda, de ninar, mas com tempo fomos nos aperfeiçoando e passamos para temas de clássicos populares, como Pompas e Circunstancias de Elgar, temas da sinfonia do Guarani e Quem Sabe de Carlos Gomes, Jesus Alegria dos Homens, J. S. Bach, tema da Bachiana nº5 e Trenzinho Caipira de Heitor Villa-Lobos, Serenata de E. Toselli, Berceuse de J. Brahms, tema da Sinfonia nº 5 de Tchaikovsky, Santuário do Coração de Ketelbey, tema do filme “O Mágico de Oz.” Em algum lugar além do arco-íris, Noite do meu Bem, Dolores Duran, Prelúdio pra ninar gente grande de L. Vieira, Memory de Berenstein e mesmo baião como Asa Branca e Assum Preto de Luiz Gonzaga.



Figura 1 Apresentação do Projeto Dó-ré-mi

Como morava no bairro onde lecionava, o que mais me marcou foi poder observar o resultado de meu trabalho nas esquinas onde sempre se via algum aluno tocando e estudando flauta. Muitas vezes eles batiam na porta da minha casa para tirar dúvidas e melhorar ainda mais, o fato de descobrir que poderiam tocar um instrumento era muito prazeroso para eles e para mim que assistia de perto um trabalho que eu desenvolvia e parecia dar certo. Isto elevou a auto-estima dos alunos se mostrando capazes de fazer algo que eles consideravam no começo algo inatingível.

*Em algum lugar além do arco-íris
Isreal Kamakawiwo'ole
Tradução: Marina Guimarães*

*Em algum lugar além do arco-íris
Bem lá no alto
E os sonhos que você sonhou
Uma vez em um conto de ninar
Em algum lugar além do arco-íris
Pássaros azuis voam
E os sonhos que você sonhou
Sonhos realmente se tornam realidade
Algum dia eu vou desejar por uma estrela
Acordar onde as nuvens estão muito atrás de mim
Onde problemas derretem como balas de limão
Bem acima dos topos das chaminés é onde você me encontrará,
Em algum lugar além do arco-íris pássaros azuis voam
E o sonho que você desafiar, por que, porque eu não posso?*

*Bom, eu vejo árvores cheias de vida e
Rosas vermelhas também
Eu vou assisti-las florescer pra mim e pra você
E eu penso comigo
Que mundo maravilhoso*

Bem eu vejo céus azuis e eu vejo nuvens brancas

*E o brilho do dia
Eu gosto do escuro e eu penso comigo
Que mundo maravilhoso
As cores do arco-íris tão bonitas no céu
Também estão no rosto das pessoas que passam
Eu vejo amigos apertando as mãos
Dizendo, "como vai você?"
Eles estão realmente dizendo, eu, eu amo você
Eu ouço bebês chorando e eu os vejo crescer
Eles vão aprender muito mais
Que nós saberemos
E eu penso comigo
Que mundo maravilhoso*

*Algum dia eu vou desejar por uma estrela
Acordar onde as nuvens estão muito atrás de mim
Onde problemas derretem como balas de limão
Bem acima dos topos das chaminés é onde você me encontrará,
Em algum lugar além do arco-íris bem lá no alto
E o sonho que você ousar, por que, porque eu não posso?*

Mas ao mesmo tempo percebia que a escola não era interessante para aquelas alunos, uma vez que o conteúdo da sala de aula não proporcionava tanto interesse quanto à música e me perguntava, algumas vezes por que a sala de aula não poderia ser tão envolvente quanto os projetos.

Mas, sempre há dificuldades, como em todo trabalho. Por mais que os alunos tivessem uma grande vontade de aprender, não tínhamos um lugar para ensinar, não tínhamos instrumentos necessários. Em qualquer lugar que íamos, sempre incomodávamos alguém. Mesmo assim, ainda duramos com o projeto três anos. Foram três anos contando com boa vontade dos alunos, com minha insistência em realizar um trabalho que eu considerava bonito. Fizemos rifas pra comprar instrumentos, agendamos apresentações na igreja do bairro e nas festas cotidianas da escola, como: Dia das mães, comemorações do aniversário do bairro, eventos fora da escola proporcionados pela Secretaria Municipal de Educação, Folclore, Festa Junina, Natal.

Surpreendi-me o quanto a escola não valorizava aquilo que não fazia parte dos seus conteúdos, bem como a questão da disciplina. Incomodávamos por sermos diferentes dos demais e pelo fato de que os alunos se interessavam mais pelos projetos do que pela sala de aula. A escola da exclusão não cabia um projeto que acolhia os alunos, independente de seus resultados.

FUSÃO AO PROJETO BALLET POPULAR

No ano seguinte a Secretaria Municipal de Educação investiu nos projetos com um departamento próprio. Na escola tinha o projeto “Ballet Popular” dirigido pelo professor Marcus Venicius de Brito Coelho, que era muito bem estruturado e me convidou para nos unirmos tanto nos trabalhos, como nos eventos. Com isso ele apresentava as danças e nós tocávamos Flauta-doce. Percebo que este momento me remeteu a questão das trocas das experiências, da resolução de problemas que tanto a escola não se dava conta e que no passado eu encontrava com minhas amigas do curso de pedagogia.



Figura 2 Desfiles temáticos da escola

“Escutai o clamor deste povo” o espetáculo foi formado por quatro coreografias intercaladas com o texto Navio Negreiro de Castro Alves : maracatu – dança afro-brasileira que acontece nas nações africanas nos tempos da escravidão , onde os negros vestiam-se com roupas doadas de seus senhores e faziam cortejos de latifúndios a latifúndios tentando manter perpetuar teus povo e tua cultura vivos em forma de dança, canto e interpretação., samba de roda : dança genuinamente brasileira inspirada em movimentos dos negros africanos vivenciados nas provas ao cair da tarde após o trabalho , agradecendo e festejando o dia trabalhado , maculelê : dança afro-brasileira que ressalta luta entre nações africanas estilizada com pequenos bastões de madeira com dançarinos com peles de animais.

Perola Negra: esta coreografia nos atualiza frente à questão do negro e nos contagia com sua alegria, ginga, sensualidade e dinamismo. Ambas ressaltando a riqueza cultural da etnia negra, objetivando mostrar a contribuições desta raça a cultura brasileira que trata da chegada.

Este trabalho foi de grande valia para mim enquanto educadora e para os alunos que participaram cada um com sua habilidade: havia textos escritos pelos alunos, desenhos, danças, poesias. Observamos naquele momento muitos dos meus alunos se desdobrarem para executar seus trabalhos, aquilo mexia muito com eles e por sua vez comigo por ver a felicidade, o encontro deles com a cultura e o prazer em cada conquista.

“Nordeste Por que Tu Choras?!”



Figura 3 Foto do jornal divulgando o espetáculo “Nordeste por que tu choras?!”

O espetáculo começa com o embarque no Trem Caipira de Vila Lobos aonde vão se dando as coreografias como quem observa as paisagens que passa pela janela. Neste trem existe um grupo de retirantes que cantam e dançam as alegrias e tristezas do nordeste.

Puxada da Rede: representa um dia na aldeia de pescadores ressaltando a beleza e a lenda da sereia do mar, narrando à dor e o lamento de homens e mulheres da perda de seus entes queridos.

Xote: dança sensual originária da palavra inglês SCORT que nos reporta as danças de salão da idade média como o minueto, descaracterizadas pelos negros escravos; dançado frequentemente por moças com saias longas, com babados, com as quais se faz um belo floreio e por rapazes que executam um formoso galanteio, com reverencia cortejantes.

Xaxado: dança que procura retratar a passagem do grupo de lampião pelo sertão nordestino, os personagens desta estória- lenda. Dançado por homens e mulheres procurando narrar um pouco de nossa história numa dança que mistura sensualidade e luta, num bailado harmonioso,

Pastoril: ente os cordões azul e encarnado encontramos Diana como mediadora de um diálogo cantado e dançado, realizado pelos dois cordões. O pastoril é rico em cores fortes e nos seus personagens (a borboleta, o palhaço entre outras)

Samba de Roda: tendo como origem o lundu (primeira expressão de samba no Brasil) é dançado na beira da praia por pescadores em agradecimento pelo dia de trabalho.

Capoeira: mergulhando nas raízes negras encontramos a capoeira rica em histórias e lendas como a do besouro e procuramos enfocar a capoeira de angola e de regional criadas no Brasil pelo mestre pastinha e bimba.

Maculelê: dança afro-brasileira que ressalta luta entre nações africanas estilizada com pequenos bastões de madeira com dançarinos com pelias de animais.

Asa Branca foi à música que trabalhei com os alunos do projeto Dó-ré-mi sentia muita saudade de meu passado, dos espetáculos que participei: pastoril em igreja, grupos de música regida por meu pai então maestro da cidade quando jovem na minha terra, dos encontros em minha casa, de saraus. Era reviver toda aquela cultura e ao mesmo tempo era me encontrar com a mulher nordestina que estava dentro de mim, às vezes escondida e/ou esquecida em terra de outros. Senti muito valorizada quando fazíamos as apresentações e recebíamos elogios de crianças, professores, gestores, pais.



figura 4 Desfile de Sete de Setembro – apresentação da música asa branca

Bumba-meu-boi: entre as alegrias das cores vivas deste quadro e o susto que o boi dá aos desavisados e principalmente as crianças, fantasia muito rica do folclore brasileiro, vivo e presente no nosso dia-a-dia quer seja enquanto a apresentação ou como objeto de estudo.

Este espetáculo provocava um estado de nostalgia de minha terra e de minha infância. Coisas, sentimentos que eu acreditava já terem passado e que estavam em mim adormecidos. Era um espetáculo que mexiam muito com meus brios de nordestina, principalmente quando eu via as crianças participar e vivenciar esta cultura.

BRASIL DOS MEUS AMORES

O tema surgiu da necessidade de se falar e mostrar um pouco de nossa cultura e da trajetória dos grandes mitos da MPB. O espetáculo conta com nove coreografias.

Classe média - (nem luxo me nem lixo) – apresenta a atual situação de decadência da classe média que aos poucos tem se tornado cada vez mais pobre, perdendo seus privilégios e se aproximando da pobreza, uma verdadeira canoa furada. Música de Rita Lee, interpretação de Marina Lima.

Aquarela do Brasil, - mostra alegria de nosso povo, seu gingado, o lado pitoresco de nossas belezas naturais; na verdade um pouco de nossa terra e de nosso povo, numa versão que ainda que fragmentada como se fossemos apenas um paraíso turístico.

Caras pintadas, - simboliza um ato de grande bravura dos adolescentes brasileiros que foram as ruas pedirem o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Temos consciência da manipulação de alguns políticos contrários ao governo e descontentes com a partilha do roubo do dinheiro público a alguns dirigentes apenas.

Extravaseio – Dancin Day - o povo oprimido sai à rua em busca de prazer, dançando e cantando, lutando para ser feliz em meio a tantas dificuldades, soltar as feras e abrir as asas da imaginação para ser feliz, é lutar contra o gigante que é a avalanche de problemas que enfrentamos no cotidiano. Nesta coreografia colocamos o lado perua das frenéticas que na década de 70 enlouqueciam os grandes salões das discotecas de nossa sociedade.

Negro Clamor - Dança dos orixás – mostra nossos orixás de origem africana que sobrevivem escondidos atrás de santos da igreja católica, busca fazer a religião de cada um sem preconceito; o tempo da escravidão conceitual já passou, utilizamos de **Clara Nunes** com seu canto de guerreira , uma das grandes vozes da MPB, símbolo da raça negra para lançar nosso clamor aos sete cantos.



figura 5 Coreografia - Negro Clamor por Sarah Helena

Carmem Miranda – o mito - trazendo samba no pé, frutas na cabeça, muitas pulseiras e colares, Carmem Miranda encantou os brasileiros com seu amor ao Brasil, uma vez que ela era portuguesa, mas seu gingado chegou à terra do TIO SAN e ela se tornou uma grande estrela nos filmes de Hollywood.

Mas nem só de alegrias viveu nossa pequena notável que após a morte foi de certa forma esquecida pelos fãs e nosso povo.

Neste trabalho atuei como colaboradora, uma vez que trabalhava em parceria com o Projeto Ballet Popular, nossas trocas de experiências de como traçar estratégias de trabalho era muito ricas e influenciava nossa atuação como professores e coordenadores de nossos projetos. Espaço este que não tinha na escola, cada um tinha seu trabalho e muitas vezes escondiam dos outros os seus sucessos e fracassos com seus alunos.

Por outro lado minha filha Sarah era integrante do grupo e se apresentou na coreografia: Negro Clamor na qual ela interpretava a cantora Clara Nunes. Recordo com muita emoção quando minha filha entrou em cena no dia das mães e apresentou pela primeira vez esta coreografia e a dedicou a mim, foi um susto, mas uma surpresa boa que nunca esquecerei.

Samba de Roda: tendo como origem o lundu (primeira expressão de samba no Brasil) é dançado na beira da praia por pescadores em agradecimento pelo dia de trabalho.

Maracatu: dança do período do Brasil colônia onde os negros escravos saudavam suas nações de origem com estandartes, vestimenta na sua maioria cedida pelos seus senhores o que gerava rivalidade entre os negros de diversas tribos e nações africanas para se evitar a mobilização deste povo tão sofrido e explorado.



Figura 6 Dança maracatu

Maculelê: dança afro-brasileira que ressalta luta entre nações africanas estilizada com pequenos bastões de madeira com dançarinos com pelias de animais.

Pérola negra: esta coreografia nos atualiza frente à questão do negro e nos contagia com sua alegria, ginga, sensualidade e dinamismo. Ambas ressaltando a riqueza cultural da etnia negra, objetivando mostrar às contribuições desta raça a cultura brasileira.



Figura 7 Dança pérola Negra do espetáculo “Escutai o clamor deste povo”

Foi nesse período que nossa popularidade cresceu bastante, pois as apresentações cresceram consideravelmente e a rede pública resolveu nos apoiar doando as estantes de partituras musicais e as camisetas personalizadas, através da coordenadoria de Projetos especiais, contando como sua Coordenadora, Ângela Ferraz.

Nosso trabalho era realizado em um local cedido pela Assistência Social (PAICA): o “Clube da Turma” que ficava no mesmo bairro e muitas vezes encontrávamos problemas de espaço, que sempre procurávamos contornar, indo para debaixo de árvores na escola e muitas vezes levando-os para minha casa, problemas estes que se tornaram constantes. Esse foi o principal motivo que desestimulou tanto a mim como aos meus alunos e resolvemos dar um fim no nosso sonho.

O que me gratifica hoje é saber e ver ex-alunos que seguiram a carreira tocando em igrejas evangélicas e outros que até procuraram se aperfeiçoar em escolas de música.

Ao longo dos anos, fui descobrindo que um dos problemas relevantes e fortíssimos era o descompromisso que as famílias têm com seus filhos. Meus alunos são crianças que exigem muita atenção por parte dos pais e dos educadores, levando em conta, que só passamos quatro horas com eles. O tempo é muito pouco, para que nos conformemos com a ausência ou pouca participação dos pais. Muitas vezes temos que assumir um papel que acredito não ser nosso como: a higiene, alimentação, vestuário e a educação doméstica do nosso educando.

No entanto, estes pais precisam trabalhar e seus filhos deveriam ter onde ficar, talvez a escola tendo período integral e no seu contra-turno trabalhasse a questão dos projetos e o reforço escolar, traria ao bojo das discussões, a melhoria da qualidade de ensino e resoluções dos problemas sociais. Mas por medidas administrativas a escola tem uma demanda maior do que a procura e assim, atende as crianças por apenas um período.

PROJETO FILOSOFIA NA ESCOLA

No ano 2001, a escola teve um período que faltava muitos professores de 5ª a 8ª série e para que esses alunos não ficassem sem aulas, a diretora, na época, professora Mirian Emilia, como sabia que eu era bacharel em Filosofia, sugeriu que criasse um projeto de filosofia para esses alunos, que seria um **trabalho mais significativo**; trabalho que atenda as necessidades e interesses dos alunos e temas sociais, pois não era especialista em todas as áreas de conhecimento dos professores que estavam faltando. Percebi que a escola naquele período diante da necessidade de cobrir os professores faltosos, utilizou-se de uma medida administrativa, ou seja, colocou uma professora pedagoga e com formação em filosofia para trabalhar com as crianças de quinta a oitava, os temas transversais, de acordo com os PCNS.

Eu trabalhava com textos anônimos tirados da internet e muitas vezes trazidos pelos próprios alunos, professores e funcionários da escola, que traziam lições de vida. Através de discussões na sala de aula, os alunos procuravam refletir sobre o assunto. Assim o projeto passou a se chamar: "Filosofia e Ética na Escola", onde no primeiro semestre do ano letivo de 2001; os alunos construíram um livro de produções de **textos livres**, com o objetivo

de expressarem seus sentimentos sob forma de poesias, acrósticos e desenhos no qual o chamamos de **“Uma Escola Para A Vida”**.

As poesias eram compostas por temas espontâneos e variadas, denotando um caráter emotivo-sensorial oriundos de suas experiências. Nos acrósticos, de forma sublimar, mensagens e palavras chaves que faziam parte de suas expectativas, angústias e valores, que eram representados com maestria e beleza.

*“ ...No sabor de um beijo
Na marca, na sensualidade
Na força de um abraço
No calor de um toque.
Marcas que falam de um passado, de saudade
De lembranças de ontem, momentos inesquecíveis
Momentos que por muitas vezes derramaram lágrimas
E por outras vezes fizeram sorrir,
Marcas constantes.
Marcas que marcam um alguém especial
Que traz uma razão
Um motivo: a vida é triste ou feliz
Que marcam e deixa ser marcada
“Pela ação, para vida inteira”.
(Marques, Adrielle, 2001, Uma Escola para Vida)*

Os textos eram dissertativos, tendo como temáticos sonhos e experiências. Os desenhos foram anexados intercalando os trabalhos, complementando, dando o sentido a expressão de seus temas, ilustrando as idéias.

No contexto geral, a obra foi realizada pelos alunos, expondo suas individualidades e meio a um mosaico que é a escola, a sociedade e a identidade do próprio povo brasileiro. Era uma leitura gostosa e agradável, onde um pouco de cada um estava inserido numa espécie de inconsciente coletivo, levando-nos a uma viagem onde nossa adolescência, sonhos e a vida apenas começavam ou se preferir, tinha o seu início.

Percebi que a indisciplina não fazia a parte destes trabalhos, uma vez que os alunos tinham grande interesse nas suas produções, em expor um pouco deles diante do grupo e a disciplina da sala acontecia de acordo com a proposta eleita, ou seja, eles mesmos cuidavam desta disciplina, uma vez que necessitavam do silêncio para produzirem seus trabalhos e do barulho na hora de expô-los. Ressalto que o livro foi constituído de toda a produção dos alunos, não teve nenhum trabalho escolhido e/ou excluído. Talvez este seja o grande desafio da escola: aceitar a produção do aluno na medida de suas

possibilidades e a partir disto, desenvolver estratégias que amplie os horizontes dos alunos.

...” o educador para por em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida “ Gadotti (1999:2)

No segundo semestre do mesmo ano, o prefeito Antonio da Costa Santos decretou o feriado do dia 20 de novembro, era o “**Dia da Consciência Negra**”, por esse motivo tivemos a idéia de desenvolver um trabalho relacionado ao assunto, já que 80% dos alunos eram negros. Também construímos um livro, que intitulamos de “**Escutai o Clamor deste Povo!**”, onde o nosso objetivo era despertar a consciência e um sentimento de justiça contra a discriminação racial e onde os alunos deveriam refletir e encontrar o sentido da verdadeira liberdade. Este livro também é composto de textos, poesias, desenhos e acrósticos, todos relacionados ao assunto.

*“Lúcido fugia das correntes
Ia para o quilombo sonhar
Brotando uma esperança em seu coração
E conseguiu vencer uma batalha
Reunindo sua família querida
Deu aos seus filhos estudo e liberdade
Adeus escravidão e donos de negros
Deus nos ajude nessa linda pátria
Esta “pátria, em que somos todos irmãos”.
Dalmédico, Ana Maria, 2001, Escutai o Clamor
deste Povo)*

Em 2002 a prefeitura regularizou a situação de faltas de professores eu dei o projeto por encerrado.

O Projeto Ballet Popular fez várias apresentações e conquistou espaços para além da escola e da Prefeitura Municipal de Campinas. Desta forma, fomos convidados pela Secretaria Municipal de Educação de Vinhedo para uma apresentação na Semana da Consciência Negra, ela continha a danças de origem afro-brasileira como maracatu. O importante deste evento está relacionado à auto-estima dos alunos e consequentemente dos professores.

Neste sentido, as poesias dos professores Marcus Coelho e Rita Senna foram publicadas, respectivamente em 2001 no **jornal** e 2002 no folder do evento.

Eu na Unicamp

Em 2008 por insistência de um diretor que é meu irmão, Marcus Venicius de Brito Coelho, a pedido de meu pai, Luis Caetano e de todos da minha família, especialmente de meu marido, José Antônio, me matriculei no curso de Pós graduação “A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente”, um curso realizado pela **UNICAMP**, em convênio com a Prefeitura de Campinas.

Esse curso exige muito, pois nos obriga a fazer constantemente leituras, apresentações de trabalhos e resumos. Mas é prazeroso, pelo fato de termos a oportunidade de trazer a escola para universidade, uma vez que só conhecíamos o caminho inverso. Percebo que volto mais uma vez a questão da troca de experiência, pois no próprio curso, esta é uma demanda que nos faz refletir constantemente sobre nossa atuação pedagógica.

No segundo semestre do ano passado (2008) a professora Maria Thereza Alexandre nos solicitou um projeto de trabalho e que tinha como requisito principal, ser realizado com pesquisa que envolvesse os alunos. Esse trabalho foi realizado por mim e pela profª Tereza Scorçafava, minha companheira de trabalho.

Escolhemos o tema “**Conhecendo a Vila Rica: bairro e escola**”. Pretendíamos com esse trabalho que os educandos conhecessem suas próprias histórias e se situassem no contexto social em que são inseridos. No início discutimos o assunto da construção do bairro, onde eles acreditavam que antes era um cemitério, histórias contadas pelos seus pais e avós. Esse foi o ponto de partida para começarmos uma pesquisa. Inicialmente trouxeram documentos antigos: discursos do Presidente da República da época, Castello Branco, o carnê de pagamento de cotas dos imóveis onde moravam; e fotos da construção e da inauguração do bairro, adquiridos com a própria comunidade, e histórias do início do bairro contada pelos seus pais e pelos moradores. Fizemos maquetes e fotografaram o bairro atual na perspectiva de se observar as mudanças e seus desdobramentos.



Figura 8 Inauguração da Vila Rica com a presença do presidente Castelo Branco

No final do ano, participamos da V feira de Ciência na Escola, onde os próprios alunos contavam a história da construção do bairro e o processo como foi desenvolvido a chegada de suas famílias para o mesmo. Ressalto que eles ficaram bem empolgados, sentiam-se como atores do trabalho, parte integrante desta pesquisa.

Em 2009, através da estagiária Thaís Fernanda Vieira, de nossa escola que cursa o 7º período de Pedagogia na **Veris Educacional/Metrocamp**, contou sobre nosso trabalho de pesquisa a sua professora na matéria de **Movimentos Sociais e Educação Contemporânea**, Lilian Alvisi, que teve interesse e nos convidou para dar uma palestra. Nesta, as alunas demonstraram grande interesse pelo assunto, nos questionando sobre o trabalho desenvolvido com o tema “Conhecendo a Vila Rica”. Isto nos deixou muito satisfeitas, por ver nosso trabalho reconhecido por alguém que nem nos conhecia. Acredito que este interesse se deu pelo fato do trabalho está voltado para as classes populares e por abranger amplamente os nossos alunos e seus familiares. Percebi que o tema é interessante à medida que ele busca no histórico de vida de cada aluno, um pouco de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos fui descobrindo que as relações entre professor x aluno ou aluno x professor são muito importantes como forma de comunicação para se obter uma aprendizagem. Teremos um bom relacionamento com os alunos, quando levarmos em conta, o tom de voz, a linguagem simples, mas correta para não prejudicar a aprendizagem.

A relação que o professor tem com seus alunos, é muito importante para sua aprendizagem. O que une o conhecimento a aprendizagem, é esse clima que o professor permite aos seus alunos, onde ele demonstra sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos mesmos.

Mergulhar na minha vida pessoal e na minha carreira profissional me fez refletir sobre minha trajetória, reviver algumas experiências que contribuíram para minha construção pessoal e profissional. Desta forma, pude nesta jornada fazer valer minhas aprendizagens, me dar conta de minhas escolhas políticas e pedagógicas. Talvez esta seja a melhor forma de perceber como se deu minha formação continuada no interior da escola e fora dela, e quais contribuições que a mesma pode fazer para melhoria de meu trabalho como professora.

Percebi que a escola, tanto a que estudei quanto a que eu leciono, foi muito importante neste processo de construção de conhecimento e que o meu retorno aos bancos da faculdade fez com que eu resgatasse valores e atitudes que ao longo de nossa vida profissional, por alguns motivos, nós deixamos de lado e por outros os retomamos.

Por alguns instantes o meu encontro comigo mesmo, quer seja no passado, quer seja no presente; foi algumas vezes duro e outras extremamente prazerosos, principalmente aquele que tive a oportunidade de compartilhar minhas experiências com meus colegas da profissão.

Percebi que tanto para mim quanto para meus alunos no decorrer deste processo, ou melhor, dizer, processos, nossas aprendizagens significativas se deram pelo interesse que tínhamos por aquilo que estudávamos ou queríamos conhecer. Este é um ponto importante que muda meu olhar para os meus alunos. Talvez seja este o maior resgate feito durante todo este processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria C& MASETO, M.T.O, Professor Universitário em Aula MG Editores associados, 1990

GADOTTI, M. Convite a Leitura de Paulo Freire, São Paulo, Scipione , 1999

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários a Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996

BOSI, Ecléa, Memória e Sociedade: Lembranças de velhos, São Paulo, Companhia das letras, 1994

FREIRE, Ana Maria Araújo, Paulo Freire: Uma História de Vida, Indaiatuba,SP, Villa das Letras, 2006

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, O Desafio das Diferenças nas Escolas, Vozes, Petrópolis,RJ. 2008

BALLET POPULAR

Apresentação do grupo dirigido por
Marcos Venícius
Cefarma

Participação do Projeto DO-RÉ-MJ
dirigido por Rita de Cássia S. Silva

Dia 21-jun-97 às 19 horas,
durante a festa junina da



SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE
R. Francisco Teodoro, 897 - Vila Industrial
(paralela aos trilhos da FEPASA, junto ao Viaduto Cury)
CAMPINAS - Fone: 233-3236

Sessão solene de entrega dos Diplomas de Mérito "Zumbi dos Palmares" aos senhores:

* Eduardo de Oliveira

Escritor, poeta e professor, presidente nacional do CNAB (Congresso Nacional Afro-brasileiro).

*Fátima Aparecida Jesus da Silva

Professora, formada em Pedagogia pela PUCCAMP, diretora de escola, coordenadora de cursos de formação para docentes e membro da Pastoral do Negro.

• Fernando Manuel da Silva

Gráfico, suplente de vereador pelo Partido dos Trabalhadores e membro da Pastoral do Negro.

*Gilberto Leite Barros Damasio

Professor, cronista de vãos jomais da
região e comerciante

• Argem Gonzaga

Escultor, poeta e sargento reformado do Exército Brasileiro.

• João Pereira de Abreu

Filosofo e teólogo, formado em Letras pela PUC-CAMP, já foi pároco da Comunidade de São Sebastião - Vinhedo - e é atual pároco da Paróquia de Santa Inês.

Local: Cămara Municipală

Horário: 19H30

(...) Marx e Engels afirmam que a emancipação coletiva dos trabalhadores deve ser realizada pelos próprios trabalhadores. Essa afirmação também é verdadeira com referência aos negros. Cabe-lhes conquistar a sua auto-emancipação coletiva, libertando-se de uma situação desumana, ultrajante e insustentável, que nos prende ao passado e a padrões de dominação racial obsoletos.

a padrões de dominação racial obsoletos.

Desse ângulo, o negro vem a ser a pedra de toque da revolução democrática na sociedade brasileira. A democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe, seja em termos de raça. (...)

Florestani/Fernandes

Semana da Consciência Negra

Vinhedo - 2001

Promoção:

Pastoral do Negro de Vinhedo

Apoio:

**Secretaria de Educação e Cultura
Câmara Municipal de Vinhedo**

da
Semana

*Consciência
Negra*

Vinyls

Lei Municipal n.º 2.394/99



Novembro/2001

Programação

19/11/01

Abertura

Palestra: "Aspectos culturais da influência africana no Brasil"

Palestrante: Alceu Estevam

Percussionista, pesquisador de cultura

Afro-brasileira

Apresentação Musical:

Maria Manuel da Silva

Célio da Silva Joaquim

Local - E.M. Jair Mendes de Barros

Horário - 15H30

20/11/01

Palestra: "Negro: uma história de esperança

Palestrante: Rosana Ramos

Formada em Ciências Religiosas

Formadora de Agentes de Pastoral

(catequese)

Apresentação Musical:

Fernando Manuel da Silva

Maria Manuel da Silva

Célio da Silva Joaquim

Local: Auditório da E.M. Integração

Horário: 19H30

21/11/01

Tarde

Apresentação de dança: "Escutai o clamor deste povo"

Alunos da EMEF "Violeta Dária Lins" -

Campinas - Coordenados pelos professores

Marcus Coelho e Rita Senna.

Local: E.M. Prof. André Franco Montoro

Horário: 15H45

Noite

Palestra: "O negro na história brasileira"

Palestrante: Argeu Gonzaga Sobrinho

Escultor, poeta e sargento reformado do

Exército Brasileiro

Apresentação de dança: "A dança do

Escravo" - Grupo de Capoeira Calzone

Local: E.M. Dom Mathias

Horário - 19H30

22/11/01

Tarde

Apresentação de dança: "Escutai o clamor deste povo"

Alunos da EMEF "Violeta Dária Lins" -

Campinas - Coordenados pelos professores

Marcus Coelho e Rita Senna.

Local: E.M. Prof. Cláudio Gomes

Horário: 15H45

Noite

Palestra: A mulher negra e os desafios do 3º milênio

Palestrante: Cleusa Aparecida da Silva

Bióloga, Bióloga, Coordenadora da

Coordenadoria de Assuntos da Comunidade

Negra e Membro da Casa Laurelina de

Campes Melo-Organização da Mulher

Negra

Local: Câmara Municipal

Horário: 19H30

23/11/01

Palestra: Aspectos culturais da influência africana no Brasil

Palestrantes: Alceu Estevam e Rosária

Antonia (Sinha)

Pesquisadores de cultura Afro-brasileira

Local: Salão Comunitário da Igreja de São

Francisco de Assis.

Rua São Francisco de Assis, 101 - Vila João

XXIII

Horário: 19H30

25/11/0

Missa Afro-brasileira

Local: Igreja de São Sebastião

Rua Antonio Vendramini, 31 - Nova

Vinhedo

Horário: 18H00

Negro

Tu és como a noite,
És como o ébano,
Que na madrugada
Transpira para viver.
Negro.
Que nasceste e cresceste para lutar.
Lutar por justiça.
Justiça essa
Que te litaram alguns séculos atrás.
Hoje,
Os teus cabelos brancos te denunciam,
Com teus olhos que brilham calados.
Mas, que dizem tudo, sem precisar falar.
A tua raça incomoda,
A tua cor incomoda,
A tua coragem incomoda,
O teu passado incomoda,
A tua presença incomoda,
A tua dignidade e tua força incomodam.
Por isso te discriminam,
Por isso te humilham...
És como a pérola negra,
Rara e valiosa.
Qual o medo que te atormentas?
És forte e corajoso...
O teu passado te dá
Dignidade e clamar.
A tua luta continua
E com certeza não será em vão!

Profª Rita Senna



Semana Da Consciência Negra

VINHEDO

Lei Municipal nº 2.394/99



Novembro/2002

(...) Mesmo quando o negro não sabe o que é socialismo, a sua luta por liberdade e igualdade possui uma significação socialista. Daí ser ele uma vanguarda natural entre os oprimidos, os humildes, os explorados, enfim, o elemento de ponta daqueles que lutam por "um Brasil melhor" ou por "uma sociedade mais justa". (...)

Florestan Fernandes

**Semana da Consciência Negra
Vinhedo
2002**

Promoção:
Pastoral do Negro de Vinhedo

Apoio:
**Secretaria de Educação e Cultura
Câmara Municipal de Vinhedo**

Semana da Consciência Negra encerra programação

A programação da Semana da Consciência Negra que contou com eventos esta semana encerra-se na próxima quinta-feira, dia 29, com a entrega de honrarias pela Câmara Municipal.

Promovida pela Pastoral do Negro e sob a coordenação de Fernando Mançaci e a professora Maria Lúcia de Fátima Aparecida Jesus da Silva, esta semana tem por objetivo relembrar a vida, a obra e o legado do líder negro brasileiro um dos mais heróicos da nossa história Zumbi de Palmares e também ajustar a reflexão e o debate a respeito das condições concretas de vida dos negros brasileiros nos dias atuais.

Da alguns anos a Pastoral do Negro promove esta semana, mas após a aprovação das leis 2.393/99 que instituiu o Dia da Consciência Negra², a 204 que instituiu a "Semana da Consciência Negra" em 17 de Novembro, ambas de autoria do vereador Luis Carlos da Rocha, e que tem ainda contado com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e da Câmara Municipal de Itiôco.

A abertura das atividades a semana neste ano foi marcada pela segunda-feira, dia 19, na qual o governador Luiz Inácio Lula da Silva esteve acompanhado pelo ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, e pelo secretário de Estado do Meio Ambiente, Carlos Roberto Pereira. Também estiveram presentes o prefeito João Paulo de Oliveira, o deputado estadual José Carlos de Almeida e o presidente da Câmara Municipal, Antônio

Rocha e Sebastião Resque dos Reis, de representantes da Equipe Técnica da Secretária da Educação, professores e alunos da própria escola. Assim, Dr. Abraham Aum, da E.M. Dr. Abraham Aum, e demais atividades da Semana da Consciência Negra aconteceram em diversos outros pontos da cidade:

Dia 20 na E.N.T. Integração – Centro com a palestra “Negro: uma história de esperança” – com Rosana Ramos – Apresentação Musical.

Dia 21 - E.M. Prof. Anacleto - Franco Monteiro - Capela - Apresentação de dança: "Escalati o clamor deste povo". Alunos da EMEE - Violeta Dória Lins - Campinas - co-

ordenado pelos professores
Matheus Coelho e Rita Senna
Dia 21 – E.M. Dom Ma-
thias – Capela – Palestra: “O
Negro na história brasileira”
com Argeu Gonzaga Sobrinho
Dia 22 – E.M. Prof. Clau-

Uma das apresentações que mar-

Dia 22 - Câmara Municipal - Centro - palestra: "O desafio do Negro no 3.º Milênio" - Mário Maracão.

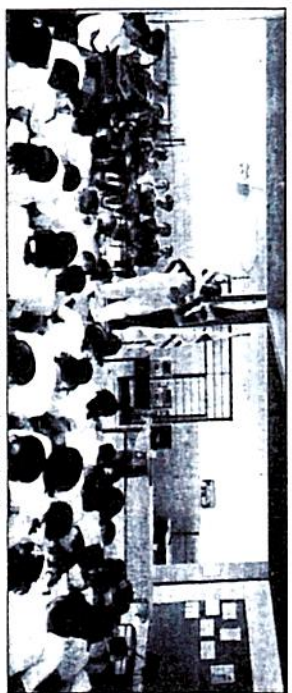
Dia 23 - Centro Comunitário da Igreja de São Francisco - Vila João XXIII - palestra: "Aspectos Culturais da Intelectual Negra no Brasil" - Alceu Estevam.

Haverá ainda nos dias 25
 amanhã e no dia 29, quinta-fei-
 ras seguintes atividades:
 Amanhã, dia 25, acontece-
 rá Missa Afro-brasileira na
 Igreja de São Sebastião, do

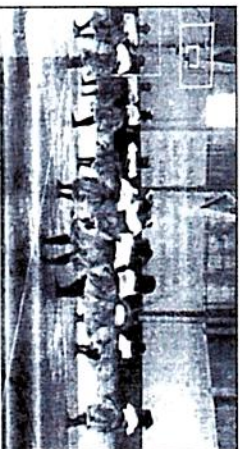
Especificamente no dia 29, quinta-feira, na Câmara Municipal, solene entrega de diplomas de mérito "Zumbi dos Palmares" aos cidadãos

hypocistis.

"Todo exemplo para a realização de credenciamentos, contibua para que mais pessoas possam conhecer o que mais acontece em um pensar sobre a questão da violência que o preceito e a discriminação que apresentam neste país e possam assim contribuir para a construção da democracia e de uma cidadania verdadeiramente para todos", disse a coordenadora Fátima.

[illegible]

Uma das apresentações que marcaram a "semana" em escolas municipais.



Amália, dia 25 aconteceu a Missa Afro-brasileira da Igreja de São Sebastião, do Bairro Nova Vinhedo, às 18h30.

Especificamente no dia 29 quinta-feira, na Câmara Municipal, houve entrega de diplomas de mérito "Zumbi dos Palmares" aos cidadãos.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE PROJETOS ESPECIAIS

PROGRAMA DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

Campinas, 04 de dezembro de 1995.

Vimos por meio desta agradecer ao Marcos, à Rita de Cássia, ao Galdino e, sobretudo às crianças participantes dos Projetos: Ballet Popular e Do-Ré-Mi, que muito engrandeceram e abrilhantaram a *II Mostra dos Trabalhos das Bibliotecas Escolares*, da Secretaria Municipal de Educação, no dia 02 de dezembro de 1995.

Parabens a todos!

Feliz Natal e um Ótimo 1996!

GLÁUCIA MARIA MOLLO PÉCORA
Profa.Coordenadora do Programa de Bibliotecas Escolares